Vila Viçosa

Comédia em duas jornadas

"Portugal terá bonanza."
Profécias do Bandarra.

No ano de 1640 no paço do Duque de Bragança

Xavier de Ataíde e Oliveira

Pessoas

Duque de Bragança, D. João II -
Duque de Barcelos, D. Teodósio -
Doutor João Pinto Ribeiro -
Padre Doutor João Pereira, da Companhia de Jesus
Padre D. Pedro Nunes, mestre do Duque de Barcelos
D. António de Melo, Camareiro mór
João Vaz, Pagem da lança, Moço Fidalgo da Casa.
Pagem da Campainha, Moço Fidalgo de catorze anos.
Quatro Moços Fidalgos, dois dos quais crianças de dez a doze anos.
Trinchante -
Manteeiro -
Copeiro -
Reposteiro, e doce

Duqueza de Bragança
D. Isabel, dama da Duqueza
D. Guiomar, dama da Duqueza
D. Joana, ama do Duque de Barcelos, e dosa e de cabelos brancos
Leonor
Tres Donzelas

Moços da Camara, Moço da Monteria, Moço da Copa, Reposteiro, Reposteiro e Homens da Guarda.

Uma sala do paço do Duque de Bragança em Vila Viçosa, sala ampla com duas portas ao fundo e uma a meio de cada lado. As paredes com roda pé de azulejo e cobertas de tapeçarias emolduradas com veludo vermelho adornado com galão doirado, a da parede do fundo é de seda e oiro. Reposteiros de veludo carmesim com franja de oiro. O teto de caixotões com pinturas; no centro as armas de Portugal. O chão alcatifado, ao fundo um pequeno tapete persa. Entre as portas do fundo um bufete tapado até o chão de brocado entretecido com fio de oiro e com o brasão de armas bordado na parte da frente, e duas cadeiras de espalda, uma em cada lado do bufete corridas à parede. Em cima do bufete relógio, armila, livros, tinteiro, papel, e uma pequena espada; sôbre o tapete persa que corresponde em frente do bufete pequenas peças de artilharia e soldados. Nas paredes laterais superiores às portas um contador marchetado de marfim à direita e à esquerda um baú de tartaruga e prata cadeado de jarrões da China. Nas paredes laterais inferiores às portas duas cadeiras de espalda e um jarrão da China à direita e à esquerda um pouco afastado um cravo, sôbre êste uma viola. Um banco junto do cravo. Perto desta uma harpa e um banco. Um outro banco na extrema baixa do tapete persa. Algumas almofadas de assentar à esquerda à direita e uma isolada na extrema da direita baixa.

D. Pedro Nunes sentado na cadeira da direita. Do bufete olhá a D. Teodósio, numa estância dos Lusíadas, que todos escutam em atitude de quem interrompe as suas ocupações. D. Teodósio de pé junto dele ouve muito atento. D. Joana sentada no banco da esquerda do tapete e segurando com uma pequena arma e um capacete emplumado dura do peito, e Padre João Pizarro de pé por detrás dela, olham com desmaiecimento o Duque de Barcelos. D. Isabel sentada ao cravo à direita com as mãos pousadas no teclado e o busto um tanto curvado para traz e o rosto voltado para D. Pedro Nunes, ouve os versos de Camões. Leonor sentada na almofada da extrema direita deixou de ficar e os seus olhos tristes a atormentar-lhe a juventude e a beleza fitam João, (que está) isolado, à direita em plano superior e enlevado no torn heroico da poesia. Em volta do cravo como se houvessem interrompido um canto coral para ouvir D. Pedro Nunes uns grupos de Donzelas (três) e Fidalgos (dois) - fidalgos e pajens alguns ainda mancebos, (um moço fidalgo apoiado ao cravo e um menino está sentado no chão aos pés de D. Joana como se tivesse estado brincando com o Duque de Barcelos, e outro solitário (no canto da esquerda) de pé, com o semblante carregado, sem desprender os olhos de uns papeis escritos, que segura com ambas as mãos. ~~Junto da porta da direita do fundo um homem do Guarda~~. Sôbre as almofadas um tecido preto bordado a ouro.

Primeira Jornada

D. Pedro Sueiro – "Quem negue a fé, o amor, o esforço e arte,
De Português? E por nenhum respeito
O próprio reino queira ver sujeito." (Lusíadas. Canto IV. estância XV.
(murmúrio de encantamento. D. Teodósio) Agradou-
vos? (D. Teodósio abaixa a cabeça afirmativamente).

D. Joana – Comsbeistes bem, senhor D. Pedro Sueiros!

D. Isabel – É certo! (Geral admiração geral. Rhua Dourada vae sentar-se no banco da harpa).

D. Pedro – Dou-vos graças, Senhoras. Lêem-se taes versos e é custoso fazer
eleição de qual subia mais alto, se o poeta, se o heroi!
Camões! Nun'Alvares? Grande terra que tão belos alumes deitou!

D. Joas – (com entusiasmo) Nun'Alvares, senhor!

D. Pedro – As lêtras e as armas são a vida e honra das pátrias. O nosso
sábio doutor Joas Pinto Ribeiro mais estima as lêtras. Diz que
"com elas se aperfeiçoam os feitos heroicos e se sobem de
ponto até o maior grau de virtude."

D. Joas – Talvez, senhor,... mas consenti-me a ousadia de julgar que
nesta andança, em que os ramos, mais garbosamente
em que vivesse Nun'Alvares! (Com contida amargura)
Fora de viço e!... (Longa suspiro e reconhece de olhar).

D. Joas Pizarro!? Acabae. (D. Teodósio segue o diálogo com viva atenção).

D. Joas – O reino padece ameaça de morte. É uma miseria agonizante
a escurecer de luto e vergonha o ceo e os corações dos portu-
gueses! Vem cando; envolve-nos, roube-nos a luz, o ar, a
esperança!... Se Nun'Alvares vivesse! Para a rasgar bastaria a
sua espada!

D. Joas Pizarro – (admoestando com paternal entendimento) Não deve
~~Quitar-se a mocidade com desesperos~~. Confiar e es-

pesar todo as grandes mercês que Deus concede às almas juvenis. (D. João baixa os olhos. Uma donzela vai à almofada onde está o bordado e senta-se a bordar, outra donzela dirige-se para a almofada onde está o livro e senta-se a ler. Ficam ambas perto de D. Isabel, mas voltadas para o fundo. D. Teodósio lança o olhar curioso a D. João). Repare: o seu coração não tem vinte anos e confia e... espera! (Impaciência só é proveitosa a quem nos deseja mal. (Nota a atenção de D. Teodósio e pergunta-lhe carinhosamente) Não é verdade, senhor Duque de Barcelos?

D. Teodósio - Se vós o dizeis é verdade porque um poeta não pode mentir.

D. João Correia - (sorri do inesperado elogio com a resposta) Dou-vos os parabéns, Sr. D. Pedro Cueros. O vosso discípulo dá lições. (Sorriem de graça todos. D. João conserva-se sinistro e Leonor abstraída na sua tristeza).

D. Pedro Cueros - É um discípulo que ensina os mestres. Declaro-o na sua presença porque sei que naquele coração não cabe a vaidade. (Carinhoso a D. Teodósio) O Duque de Barcelos há-de ser um português à antiga. (D. Teodósio sorri e baixa os olhos) O seu maior divertimento é ouvir a história dos santos, dos sábios e dos heroes portugueses. ~~A sua alma~~ Assemelha-se ao padrinho e tio, o senhor D. Duarte, que mais o mima com as suas cartas e até com a qualidade dos brinquedos que lhe envia da Mouraria - peças de artilharia, soldados!... Guarda-o Deus para grandes coisas!

D. Teodósio — (o olhar fixo no vago) A maior de todas é o ceo! (D. Pedro Queiroz, Dr. João Pizarro e os senhores olham-se com pasmo).

D. Pedro Queiroz — O ceo é um prémio, ~~e corôa e gloria~~, ganha-se com a vida deste mundo.

Dr. João Pizarro — (a D. Teodósio) Estes portuguezes, ~~senhor, estudo tanto admiro~~, pela Fé e não pelos feitos pela qual Deus os elegeu. ~~Ganharam o ceo não pelos grandes feitos, mas pela Fé; pela caridade e sacrificio, pela humildade com que receberam honras e mercês, pela bôa vontade de com Deus e a Pátria.~~ Vêde como perante tantos perigos, guerras e bravesa das tempestades foram sempre vencedores."

D. Pedro Queiroz — (a D. Teodósio carinhosamente) Nomeae alguns ao senhor Dr. João Pizarro, para que ~~êle veja~~ por aprenderes já vos tendo enamorado, senhor.

D. Teodósio — Vasco da Gama!

D. Pedro Queiroz — Gual foi o primeiro português que nas terras estrangeiras causou espanto com a sua sabedoria e virtudes! (Silencio breve. Lembrando-lhe a memória) A nau que o levou, com horrivel tormenta perde o rumo...

D. Teodósio — (vivamente) Santo António! (D. Pedro sorri e abaixa a cabeça em sinal afirmativo e olha desvanecido para João Pizarro).

Dr. João Pizarro — (com afectuoso ~~tom~~ de desafio) O Senhor Duque de Bragança ~~e Barcellos~~ Não saberêis responder-lhe ao que vos perguntar-hos.

D. Teodósio — (aceitando o desafio e caminhando para êle um passo) Pregunte.

Dr. João Pizarro — Porque era que destas tempestades, que aos ceos levantavam

o mar, lhes se salvavam?

D. Teodósio - Porque eram portugueses. (Riso de D. Joana e D. Isabel e vários)

Dr. José Bravo - (Tornou-se entusiasmado e fala a esclarecer D. Teodósio que a ouve muito atento e com o olhar fixo. Todos sentam-se) acompanhou-os Deus porque eram portugueses que iam espalhar a sua verdade em novos mundos. que o deram a herança. Levaram no coração Cristo e Portugal. E foi-lhes a vitória. Portugal assegurara-lhes a vida eterna porque Deus não queria morrer os defensores de uma pátria que se fundou e ergueu por seu amor. Ficam sempre, Voltam; não morrem. Os santos veneramos-los nos nossos altares, e todos os que se engrandeceram nas letras e nas armas e mais aqueles que os acompanharam estão nos nossos livros, nas nossas terras, nas de Africa, nas outras lá distantes que foram descobertas e regadas de sangue. Ouve a voz das fontes, a música dos cantos, do vento, dos pássaros e do mar parece que repetem os seus nomes. (Levando os olhos a fora) são lições de sacrifício e valor nas horas lastimosas de fraqueza. (X) de nos faltam notícias, do que foram seus destinos, fortalece-nos a esperança, que vale mais que a certeza, porque é um contínuo anseio de um bem, que ha-de chegar. A boa esperança, que é a grande inimiga da morte, nasce a um tempo em todos os corações, acompanhada de sinais e profecias. que a fazem crescer e florescer. O livro aberto aparece a um tempo aos olhos de todos os portugueses. Aparece: é um aviso, uma consolação do céu. Eu creio nessa visão consoladora da boa esperança: Uma manhã abençoada um nevoeiro branco e espesso cai sobre as águas do

mar; para além, pior ele oculto o futuro resplandecente que o desiparará. É a juventude eterna e a figura heroica de um príncipe que foi rei e mártir por amor de Deus e da Pátria, a figura de Portugal! Deus o conduzia, Deus o traz; a Pátria mandou que partisse, a Pátria manda que volte. D. Sebastião é a boa-esperança. É o rei que ha-de voltar! (As senhoras limpam as lágrimas, os rostos demonstram fé e aprovação. Senhor enquanto fita os olhos em D. João que parece arrebatado da palavra do Pe. João Vizeu D. Teodósio olha em roda como a admirar a surpresa causada.)

D. Pedro Nunes - (Levantou-se e caminhou até o Pe. João Vizeu. Num tom de delicado gracejo) Tende mão! Não estaes no púlpito.

D. João Vizeu - Não fiqueis agora pesarosos ou ansiados com o que me ouvistes. Se tornassemos a estudar os cânticos do Natal com a minúcia que o Senhor Duque corrige?

D. Isabel - Já os sabem. Haveis de ouvi-los naquela sala que tanto estaes nos paços do Duque. E a Igreja vigia a casa, escuta às suas portas...

D. João Vizeu - Muito tem já ouvido e, se Deus nos não emudecer, muito terá ainda de ouvir aos poderes da Companhia quere na egreja, quere nas ruas e nos lares. (Afectuoso) Todavia agradeço-vos o aviso, que é prudente. (Ao reparar em D. Teodósio, que unicamente lhe fita o semblante atento e entusiasmado, dirige-se-lhe num tom carinhoso e folgazão) Meu Senhor, abandonaes a nossa artilharia, os nossos soldados? Que general teremos?

D. Teodosio - (grave) Ela - Rei voltará?

D. Joaq Rosario - (derrama-se e responde com seriedade) Tende por certo. (D. Teodósio num ar de contentamento vae levantar o Menino que se conserva sentado no tapete aos pés de D. Joana, depois tira do colo desta o capacete que põe na cabeça e ajudado por ele veste a armadura do companheiro e ambos vão para o tapete brincar com as peças e soldados. Já são todos) Vão deixem agora pensativos ~~envergonhados~~ por minha culpa. (A D. Isabel) Se repetissemos os cânticos do Natal que já vem perto? Não vos deve causar enfado (porque a música que o Senhor Duque compoz não poderia ter mais suavidade de doçura que os anjos vieram ensinar. Ha ~~Tomos de os estudar~~ todos os dias ~~todos os dias a um estudamos~~ só ontem começamos. Hoje vão poucos os que os cantam, porque são muitos os preguiçosos que faltaram.

D. Isabel - (Ariel de ouvi-la acompanhada do orgão. ~~(Apontando o fundo esquerdo) Naquela sala lá seu orgão... Mas é preciso a~~ ~~incorporação~~. Lá dois dias que os estudamos.

D. Joaq Rosario - Que formosa é aquela ária que tocastes há pouco.

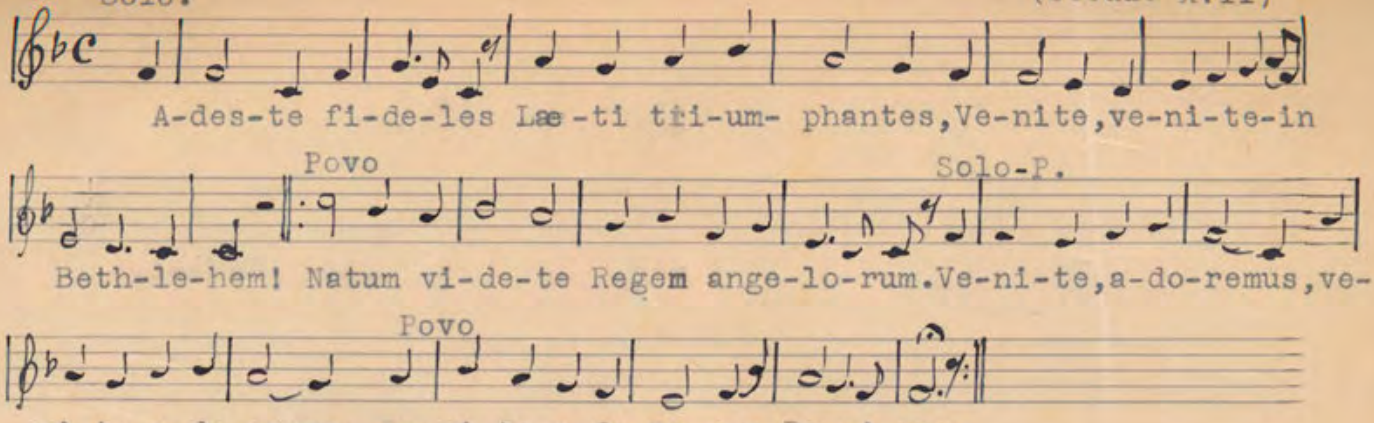
D. Isabel - Compô-la Duarte Lobo. Se quereis ouvi-la...

(Começa tocando. D. Joaquim e quase todos prestam atenção à música. D. Teodósio e o companheiro brincam no tapete com as peças e soldados. D. Isabel Nuno senta-se na cadeira ao lado esquerdo do bufete consulta e arruma vários livros e papeis. D. Joana aproxima o seu banco para ouvir melhor. D. Joaquim vai até junto de Leonor que recomeçara a falar. O diálogo que segue deve ser representado num tom de intimidade como não pudesse ser ouvido das outras pessoas).

Natal.

ADESTE FIDELES

Melodia portuguesa
(seculo XVII)



Nota: A letra que se segue é cantada com a mesma musica.

2

En grege relicto humiles ad cunas
Vocati pastores adproperant;
Et nos ovanti gradu festinemus:
Venite, adoremus, venite, adoremus!

3

Aeterni Parentis splendorem aeternum
Velatum sub carne videbimus:
Deum infantem, pannis involutum:
Venite, adoremus, venite, adoremus!

4

Pro nobis egenum et foeno cubantem
Piis foveamus amplexibus:
Sic nos amantem quis non redamaret?
Venite, adoremus, venite, adoremus!